



Ana Cândida Vieira Henriques<sup>1</sup>

Resenha de: LANGER, Johnni. **Na trilha dos Vikings: estudos de religiosidade nórdica**. João Pessoa: editora da UFPB, 2015, 284p.

A obra intitulada “Na trilha dos Vikings”, de autoria do pesquisador Johnni Langer, tem como objetivo central trazer à luz da contemporaneidade, a cultura, os mitos e a religiosidade dos “vikings”, nórdicos que viveram entre os séculos VIII e XI d.C., provindos principalmente da Escandinávia. Ela está estruturada em cima de sete artigos, cujos temas e narrativas variam, contudo estão centralizados na *Era Viking*. Foi em decorrência da relativa escassez de obras investigativas dessa natureza no Brasil que esta obra surge como referência acadêmica para suprir esta lacuna.

A presente coletânea se sustenta em algumas fontes literárias e iconográficas, como as *Eddas*, as sagas islandesas, a poesia escáldica, as esculturas, os objetos, a arquitetura, etc. Também foi influenciada pelo pensamento de alguns autores, como Franco Júnior, Ginzburg e Boyer, sobretudo quanto aos mitos e à magia. Desta forma, o autor se posiciona de modo diferenciado de outros estudiosos escandinavistas, tomando o seu próprio rumo quanto ao estudo e análise da variação cultural e dinamismo intenso vividos por esta civilização.

Através de análises de poemas islandeses, o autor percorre por conceitos atrelados àquela época. No primeiro capítulo, “O Galdr: uma análise de feitiçaria nórdica no poema *bushlubaen*”, duas manifestações culturais são evidenciadas no sentido de refletir sua significação social: a magia e a feitiçaria se configuram como práticas mágicas distintas, onde a primeira, mais vinculada à religiosidade local, se direciona ao controle das forças da natureza e do homem, através de duas intencionalidades, a defensiva e a ofensiva. Já a segunda, se configura como uma prática de caráter exclusivamente

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – (PPGCR – UFPB). [anacandidavh@gmail.com](mailto:anacandidavh@gmail.com)

destrutivo/ofensivo, possuindo uma grande carga simbólica, onde o cosmo e o homem estão representados.

A partir da literatura escandinava medieval, o autor destaca duas técnicas mágico-religiosas mencionadas: o *seidr* (canto) e o *galrd* (sons mágicos). Estas duas práticas eram dirigidas tanto para fins benéficos (como a preservação da ordem no sentido cósmico e humano), quanto para fins maléficos, a exemplo de maldições, assassinatos, controle, etc. Passa pelos conceitos de sagas lendárias (*Formaldarsogur*); sagas de famílias (*Íslendigasogur*) e as sagas dos bispos (*Biskupasogur*), diferenciando-as e considerando apenas as duas primeiras para sua pesquisa. Em seguida, a partir da narrativa heroica a *Bósa saga*, sua análise se encaminha objetivando discutir a possibilidade deste texto ter origem numa tradição oral pré-cristã.

Sucintamente, esta narrativa trata de um assassinato do filho bastardo do Rei *Hring* cometido por dois amigos, *Herraud* e *Bosi*, sendo o primeiro filho do próprio rei e irmão da vítima. A partir disso, o rei os condena à morte. Então a mãe de *Bosi*, chamada *Busla*, intervém junto ao rei para que este volte atrás na sua decisão. Para tanto, entoa um encantamento mágico poderoso, o que o faz temer e desistir da condenação dos dois.

No segundo capítulo, “*O Seidr: interpretando a magia na eiríks saga rauoa*”, o autor intenciona analisar a magia sob dois prismas: como realidade histórica e como elaboração ficcional. Aqui ele analisa a saga *Eiríks saga rauda*, classificada como saga de família. Dois fatos chamam a atenção, a presença feminina no ritual da prática divinatória e o manto como vestimenta dos envolvidos com o *seidr*, sejam homens ou mulheres. Quanto à ocorrência de profetisas no paganismo e até mesmo na época de conversão ao cristianismo, o autor salienta que isto se confirma pelos relatos nas *Eddas*, nas sagas e em referências antigas. Com relação ao uso do manto, este indicaria uma relação bem próxima com o sobrenatural, pois o próprio *Odin* surge no mundo dos mortais usando um.

A narrativa aborda sobre uma profetisa chamada *Porbjorg* que foi procurada para fazer um ritual mágico numa fazenda com o objetivo de prever o futuro daquela região que sofria com uma grande fome. Na ocasião, a personagem central chamada *Gudrídr*, foi solicitada para participar do rito, apesar de ser cristã. Pressionada pelo fazendeiro *Thorkell*, ajudou a profetisa na recitação do canto tão belamente que a feiticeira não só

previu o futuro da região quanto à fome e doença, mas também sobre o futuro de *Gudrídr*.

O capítulo seguinte é “Pagãos e cristãos no final da Era Viking: uma análise do episódio de conversão da *njáls saga*”. Aqui o autor se concentra no estudo da passagem do paganismo para o cristianismo no fim da era viking, como se deu esse processo a partir da análise da *Brennu-Njáls saga*. Ele relata, através do texto, a chegada do cristianismo àquela região e como houve as primeiras conversões, onde na maioria das vezes aconteceu de forma imposta, coercitiva e com muitas mortes. Muitos pagãos não queriam abandonar suas antigas crenças, seus rituais, seus sacrifícios, etc., por isso os embates foram inevitáveis. Ainda assim o sobrenatural pagão sobreviveu à chegada da nova fé.

O autor salienta que não houve uma uniformização quanto às crenças e práticas pagãs, e também tampouco ao processo de assimilação e conversão ao cristianismo. Uma passagem emblemática na narrativa nos chama a atenção, o episódio das três fogueiras acesas, sendo duas consagradas, uma pelos pagãos e outra pelos cristãos e a terceira sem consagração. Percebemos como o fogo ocupa um lugar de destaque nas religiões e como ele desperta medo e força, independentemente de crenças, é tanto que neste caso, culminou com a morte de um pagão pelos próprios pagãos.

Com relação à saga, em termos bem sumários, ela conta a história de dois amigos, *Njal* e *Gunnar*, onde as famílias de ambos se envolvem em matanças e a partir disso se desenvolve toda a narrativa, culminando com a morte da família de *Njal* de forma grotesca, onde quase todos foram queimados vivos, menos o filho *Kári*, que depois conseguiu se vingar da morte da família matando os assassinos. O interesse do autor nesta saga se concentrou nos capítulos que aborda a chegada do cristianismo na Islândia e sua conseqüente relação com o paganismo.

No texto “As estelas de *Gotland* e as fontes iconográficas dos mitos nórdicos”, o autor busca refletir e analisar o mito pela imagem, como também as fontes orais relacionando-as com estas mesmas imagens. A partir disto, ele cria uma hipótese denominada de sistemas de reinterpretações orais-imagéticas, que se baseia na elaboração de três grandes conjuntos: Valholhiano, Ragnarokiano e Nibelungiano. Esta hipótese não tem outras pretensões a não ser explicar as variações iconográficas de cada região com o intuito de facilitar a condução de futuras pesquisas.

Para delimitar a questão da relação do mito com a imagem, as estelas da Ilha de *Gotland* se constituem como a melhor iconografia de temas míticos da Era Viking. Com o seu formato parecido com cogumelos, alguns estudiosos correlacionaram aos ritos de fertilidade. Elas eram erguidas próximas a sepulturas pagãs, em locais de grande fluxo de pessoas e possuíam imagens de embarcações, de batalhas, entre outros.

Os temas evidenciados nas estelas de *Gotland* são de três tipos: os *míticos*, a exemplo da narrativa do roubo do hidromel; os *símbolos religiosos*, a exemplo de símbolos odínicos como o escudo, a triqueta, o valknut, etc.; e as *cenar históricas*, a exemplo de cenas de batalhas, funerais e sacrifícios humanos. Todos estes temas eram detentores de um forte simbolismo. Dentre tantos símbolos, o valknut (nó dos mortos) se destaca como um dos principais, pois estava associado aos cultos odínicos e aos rituais de morte dos escandinavos.

Em “Mythica Scandia: repensando as fontes literárias da mitologia escandinava”, o autor enfoca a questão da passagem da oralidade para a narrativa escrita dos mitos. A reflexão paira em como estes sistemas de linguagem afetariam o sentido original do mito, se estes seriam modificados. A questão é! Será que após a conversão, as fontes literárias retratariam com fidelidade os testemunhos pagãos? Alguns pontos de vista de estudiosos da área são enfocados pelo autor, cada um defendendo suas formulações quanto à oralidade, a escrita e o letramento.

O autor também põe em questão o confronto entre a oralidade e o letramento nas *Eddas*, tanto a poética quanto a *Edda* em prosa. Visando aprofundar essa discussão, o mesmo parte para uma análise parcial de um importante poema inserido na *Edda* poética, a narrativa *Prymskvida21* (a balada de *Prym*) que remonta ao século IX. Para a análise, o poema foi dividido em seis sequências narrativas, dentro do modelo de sintaxe narrativa, baseado nos moldes do formalismo russo. Por fim, traz à tona o debate acerca da interferência de elementos cristãos na composição das *eddas*, se foi uma questão de reinterpretação, assimilação ou conservação. Vários autores citados encontraram similaridades com fontes cristãs, denotando influências quando da transposição escrita em latim e islandês antigo.

Em “O mito do dragão nas *Eddas*”, o autor busca essencialmente as representações do dragão a partir da literatura escandinava dos séculos XII e XIII, e das análises iconográficas dos séculos VIII a XI. O mesmo propõe um entendimento inicial deste

tema dentro dos três sistemas de reinterpretações oral-imagéticos, sendo que, somente no sistema Nibelungiano e no Ragnarokiano é que as narrativas contendo a figura do dragão se perpetuaram. A análise do mito em questão se dará primeiramente através dos poemas édicos e escáldicos, e posteriormente em outro ensaio, das sagas islandesas.

A figura do dragão para os germânicos correspondia a maior das serpentes por sua forma de réptil. Alguns estudiosos viam uma associação entre a figura da serpente com a morte e os mortos e também com a fertilidade. Esta representação germânica do dragão passa por períodos de intensa proliferação e com a mudança religiosa, passa também por grandes mudanças estruturais. Mais adiante, o autor se debruça em analisar o dragão no sistema ragnarokiano através do poema édico *Völuspá*. Neste, a análise parte de dois tipos de dragões: a serpente do mundo e a serpente de Hel, ambas relacionadas a questões cosmogônicas e escatológicas.

Por fim, neste último ensaio, “O mito do dragão nas sagas islandesas”, o autor passeia por uma narrativa de grande popularidade no período da idade média em boa parte da Europa. A saga heroica de *Sigurdr Fáfnisbani* sobre o dragão *Fáfnir* provém da *edda* poética e foi inserida no ciclo de *Sigurdr*, onde ocupa uma parte central da tradição nibelungiana. Posteriormente a esse conjunto de narrativas heróicas, foram incluídos os poemas de *Reginsmál* e *Fáfnismál*.